

# UM SANTO AO ACASO

P. Evaristo Martínez  
de Alegría, scj

Biografia do Beato  
João Maria da Cruz, scj





## O Autor

O P. Evaristo José Martínez de Alegria Oroquieta, nascido em 1939, cultivou apaixonadamente a sua vocação religiosa dehoniana, que compaginou com o amor à história, à literatura, à arte, aos campos e aos camponeses.

Em Salamanca, fez os seus estudos eclesiásticos (1956–1964), bem como o curso de História (1966–1971). Completou a sua formação em Roma, onde obteve a licenciatura em Liturgia e Arqueologia, um diploma em Direito canónico (1968) e onde foi Superior do Colégio Internacional durante seis anos. A partir de 1999, até 2012, foi Postulador Geral da Congregação. Nesse período, conseguiu a beatificação do P. João Maria da Cruz (2001) e o decreto para a beatificação do P. Leão Dehon. Foi também postulador da causa do Beato Cristóvão de Santa Catarina Fernandez, de Valladolid, fundador das Irmãs Hospitaleiras de Jesus Nazareno, de Córdova. Faleceu a 5 de dezembro de 2020, em Salamanca, com 80 anos de idade.

**Sacerdotes del Sagrado Corazón de Jesús  
Padres Reparadores Dehonianos**

**Imprime:**

GRÁFICAS DEHON

La Morera, 23-25. 28850 Torrejón de Ardoz

ISBN: 84-85017-82-X

Dpto. Legal: M-24822-2021

# BIOGRAFIA DO BEATO JOÃO MARIA DA CRUZ, SCJ

“Um santo ao acaso”

P. Evaristo Martínez de Alegría, scj

## Índice

Apresentação .....	4
Uma entre muitas histórias de santos .....	6
Um bom pároco do interior .....	8
Horizontes do Espírito .....	10
À procura do pão com muito amor .....	13
Caminhos que levam a Deus .....	14
Por vales escuros me conduzes .....	16
Uma malograda Betânia .....	18
Subamos a Jerusalém .....	20
Entre cardos e espinhos .....	22
Sem Domingo de Ramos .....	24
Testemunhas no calor na noite .....	26
Estava contente de sofrer por Jesus .....	28
Um santo para os nossos dias? .....	30
Reconheceram-no ao partir do pão .....	32
Epílogo .....	34
Oração pela canonização do Beato João Maria da Cruz, mártir .....	35

# Apresentação

Não consigo evitar a emoção ao escrever estas breves linhas. Evocar a figura do biografado é também evocar a do biógrafo. Deixo ao P. Evaristo falar do primeiro, o P. João Maria da Cruz. O biógrafo, o P. Evaristo, aparece nas minhas memórias nostálgicas, no meio do turbilhão preparatório da beatificação do nosso protagonista, em Roma, durante o Grande Jubileu do ano 2000. Faltava um ano para aquele dia 11 de março de 2001, o dia da beatificação. O P. Evaristo ocupava-se, como Postulador geral da Congregação SCJ, nos trabalhos da preparação. É nesse contexto que escreve este pequeno livro, onde nos apresenta a figura do Beato João Maria de Cruz (1891-1936), dehoniano desde 1926, depois de 10 anos de ministério sacerdotal na igreja de Ávila. A sua morte permitiu incluí-lo no grupo dos 232 mártires de Valência, encabeçado pelo Beato José Aparício Sanz.

O autor oferece-nos uma abordagem biográfica clássica, com algumas particularidades. A mais notável é talvez o facto de dar voz a muitas testemunhas, e ordenar a narrativa baseando-a nos grandes fundamentos da nossa espiritualidade dehoniana. Assim, mostra claramente que o nosso caminho de vida espiritual e entrega ao apostolado conduz à santidade, a meta comum para todos os batizados.

Houve quem manifestasse estranheza pelo título da obra: “Un santo al azar”, “Um santo ao acaso”. Podia dar a ideia de que o seu martírio

fora um acidente, uma casualidade. Não deixei de refletir sobre essa objeção, mas continuo a pensar que ela não se baseia numa interpretação correta. Em primeiro lugar, porque o martírio tem sempre origem numa circunstância externa, que coloca o cristão em situação de dar testemunho, se for capaz. Nesse sentido, o “acaso” livra o nosso Beato do perigo de alguém pensar que o seu martírio tenha sido algo de procurado e preparado por ele, sendo, portanto, um grande embuste. O “acaso”, pelo contrário, apenas acolheu o salto, que projetou o P. João para além das rotinas da vida, que nos dão a sensação de segurança e de sermos nós a conduzir o processo. Tal salto não levou à queda, mas garantiu a autenticidade do seu martírio. Ofereceu-nos a verdade, e recolocou o Beato João Maria no nosso mundo, para o iluminar com a luz que reflete: a luz de Cristo.

Espero que a leitura desta nova edição revista e atualizada pela Delegação provincial das Causas de beatificação e canonização, da província espanhola dos SCJ, também nos ajude a “saltar”, apoiando-nos no Senhor, quando nos pedir pequenas opções, quiçá chamadas a fazer parte da grande história. Que o Beato João Maria da Cruz, interceda por nós. Por nossa parte, peçamos a Deus a sua breve canonização.

P. Juan José Arnaiz Ecker, scj  
Superior provincial ESP



# Uma entre muitas histórias de santos



À volta da cidade de Ávila, erguem-se colinas semeadas de blocos de granito, que se levantam da terra como mãos descarnadas, erguidas para o céu durante milhões de invernos rigorosos e verões caniculares. É a paisagem da velha Castela, terra de “penedos e de santos”. Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz são os mais conhecidos. É terra de cristãos fortes, de famílias numerosas, de agricultores e criadores de gado, berço e sulco de crenças, austeros e anónimos, na sua maioria, mas também de homens e mulheres que os acontecimentos e a vida nela fizeram brotar como dons de Deus à sua Igreja, como pedaços de Evangelho incarnado na realidade quotidiana.

O nosso protagonista, o P. João, nasceu em S. Esteban de los Patos (Ávila) a 25 de setembro de 1891. Era o primeiro de quinze irmãos e, no batismo, deram-lhe o nome de Mariano. Era o nome do pai, que, com a sua esposa, Emérita,



se esforçou por lhe dar uma educação cristã sólida e segura, com uma fé viva e a prática assídua da vida cristã.

A sua família era responsável pelo cuidado da igreja. O seu pai, quando, à tarde, voltava do campo, presidia a terços e novenas, porque não havia sacerdote naquela pequena comunidade. Talvez por isso, diz um dos seus irmãos, o apelo do Senhor encontrou resposta pronta naquele que todos chamavam Marianito. Com apenas dez anos, fez a sua escolha: corresponder generosamente à vocação para o sacerdócio, que sentia profundamente.

Começou por falar com o seu pároco, que lhe ensinou as primeiras letras. Depois, tornou-se aluno externo do seminário de Ávila. Mais tarde, entrou nele para estudar Filosofia e Teologia. A sua vida no seminário, como lembram os seus companheiros e superiores, era exemplar, pois era

*“modelo em tudo, distinguindo-se pela sua profunda humildade, apesar de ser um jovem talentoso”.*

Uma das características que o acompanharam toda a vida era que, apesar da sua vida austera e sacrificada,

*“era muito jovial e divertido com todos, sem jamais criar problemas entre os companheiros. Era um pequeno santo”.*

Mariano tinha, todavia, uma preocupação: para ele, era clara a decisão de servir a Deus; mas procurava uma vida de maior intimidade e diálogo com o Senhor. Parecia-lhe que o ministério numa paróquia o afastaria do seu ideal. Fez uma primeira experiência junto dos dominicanos de Santo Tomás de Ávila “onde não pôde ficar por muito tempo por causa da sua saúde precária”. Era o ano de 1913-1914. E continuou a procurar.



# Um bom pároco do interior

A 18 de março de 1916, Mariano foi ordenado sacerdote em Ávila. Na liturgia, dizia-se aos ordinandos: “Imitai o que tratais”. Assim, seguindo os passos de Jesus de Nazaré, o P. João dedicou vários anos do seu ministério a pequenas aldeias do interior, entre camponeses que, apesar dos muitos anos já passados, ainda o recordam. Lembram-no como “pouca coisa” fisicamente, mas homem de Deus, naquelas povoações castelhanas castigadas pela pobreza, pela situação política e pela falta de perspectivas.

As paróquias de Hernansancho, Villanueva de Gómez, San Juan de Encinilla, Santo Tomé de Zabarcos, Sotillo

de las Palomas foram a porção do povo de Deus que a Igreja de Ávila lhe confiou. Eram povoações pobres e pequenas, mas ricas de raízes cristãs.

Na década de 1920, formava-se nos céus da Espanha uma tempestade que havia de assolar as terras e gentes daquele país, de tal modo que a Igreja, perseguida e maltratada, perderá, como testemunhas da fé, inúmeros cristãos leigos, e 6.832 bispos, padres, religiosos e religiosas. Declarar-se cristão, naqueles dias, custava muito caro; quase sempre, a própria vida.

A 23 de maio de 1916, o P. Mariano dirige-se para Hernansancho. Cerca de dois meses antes, fora ordenado sacerdote por D. Joaquim Beltrán y Asensio. Irá desenvolver, nessa paróquia, uma intensa atividade pastoral, marcada por uma presença humilde e simples, por uma vida de oração e adoração ao Santíssimo Sacramento prolongada nas gélidas noites da meseta, pela mortificação corporal e pelo zelo em despertar no seu povo a fé, a prática religiosa, a confissão, a devoção à Eucaristia e a Maria, e pelo abandono da blasfémia. Primou pela caridade e pelo serviço delicado.

Como já referimos, eram terras muito pobres, naquelas paragens desoladas. O P. Mariano vive do que os fiéis lhe dão. Os seus antigos paroquianos, hoje muito idosos, recordam que o P. João nunca lhes pedia nada nem fazia passar o cesto durante os ofertórios. Os fiéis estranhavam. Mas ele respondia:

*“Seria o mesmo que transformar a igreja numa agência bancária!”*

A sua porta estava sempre aberta para os necessitados, os doentes, para quem dele precisasse.



Pormenor do retábulo, San Juan de la Encinilla

Conta-se, em Hernansancho, que, certa vez, houve uma rixa que acabou em tiroteio. O atirador deixou estendidas por terra várias pessoas. O P. Mariano acorreu imediatamente para socorrer os feridos. Mais tarde, em Penalva, um povoado vizinho, o agressor gabava-se com amigos:

*“Liquidei uns tipos naquele povoado. Só não acabei com o padre porque ele é um santo”.*

A maior povoação que lhe estava confiada era San Juan de la Encinilla. Os fiéis do lugar, entre os quais estava a sua irmã, logo se deram conta de ter um padre diferente: um homem de oração, de longas horas noturnas diante do Santíssimo Sacramento, de mortificação, de pregação, de catequese, de atendimento pessoal, de humilde dedicação, como tantos párocos de aldeia que, em silêncio, serviram, educaram e acompanharam os seus fiéis.

Igreja de Hernansancho



Igreja paroquial de Santo Tomé de Zabarcos



# Horizontes do Espírito

Começaram a surgir no horizonte nuvens negras de violência, de sangue e de morte. No meio de “tiros”, pobreza, fome e brutalidade, o chamamento de Deus continuava a ecoar na vida de Mariano, que procurava outra resposta.

Um dos padres, com quem se encontrava frequentemente, comentava:

*“Era um sacerdote exemplar, mas, várias vezes, disse-me: ‘Estou contente, mas devo confessar que estou fora do meu centro, que me custa muito a vida paroquial. Por outro lado, sofro com o meu estado de saúde. Se não fosse a obediência, eu já teria tomado outro caminho. Sinto-me irresistivelmente atraído pela vida religiosa’”.*

Nessa busca, mudou-se para a diocese de Vitória (1921-1922) onde, durante um ano, foi capelão de um colégio dos Irmãos das Escolas Cristãs, em Nanclares de Oca. Estando aí, pediu ao bispo para entrar na Ordem dos Carmelitas Descalços. Obteve a licença e começou o noviciado em Larrea (Viscaya).

Mais uma vez, a saúde o atraiçoa. Não resiste às exigências de uma vida que, então, era muito austera, muito dura, mas que desejava abraçar: uma vida de contemplação.

Regressa a Ávila. Durante dois anos, 1923 e 1924, toma conta das paróquias de S. Tomé de Zabarcos e Sotillo de las Palomas. A sua passagem por essas terras foi breve, mas fecunda.

O P. Mariano vivia um amor profundo e muita devoção à Eucaristia. Aproveitava todos os momentos para se aproximar do sacrário das povoações por onde passava.

Em Madrid, frequentava a igreja das Religiosas Reparadoras. Um dia, em 1925, encontrou-se aí com o P. Guilherme Zicke. Este religioso foi o iniciador da presença dos Sacerdotes do Coração de Jesus, Dehonianos, em Espanha. Tornaram-se amigos e o P. Mariano revelou-lhe a sua busca, a inquietude do seu coração, que não descansava, que não encontrava o lugar para onde Deus o chamava. O P. Zicke falou-lhe da sua congregação, fundada pelo P. Leão Dehon, do projeto que o inspirava, do estilo de vida... O P. Mariano acabou por entrar na pequena família de que o P. Guilherme era “pai”, em Espanha. Ao entrar na Congregação, tornou-se o nosso P. João. Para ser mais preciso: João Maria da Cruz. O seu nome de religioso lembrava os seus grandes amores: a Virgem Maria e S. João da Cruz, natural de Ávila, como ele.

A 31 de outubro de 1926, festa de Cristo Rei, o P. João fez a sua profissão religiosa “em espírito de amor, de oblação e reparação”. Este projeto, inspirado nas atitudes, palavras e ações de Jesus, há de animá-lo e iluminá-lo durante os últimos dez anos de vida, de trabalho e de ministério pastoral.

O P. Dehon, ao fundar a Congregação, deu-lhe o nome de “Oblatos do Coração de Jesus”. O P. João Maria da Cruz há de celebrar a vocação de Oblato/Vítima, no dia 23 de agosto de 1936, no supremo sacrifício da sua vida, depois de uma via-sacra escondida e serena como religioso dehoniano.

O P. Guilherme Zicke deixou-nos este testemunho sobre o P. João:

*“Posso assegurar que, enquanto eu era superior em Puente la Reina, o admiti como postulante na nossa Congregação. Sendo já professo, mostrou desejo de se aperfeiçoar ainda mais na vida contemplativa, pedindo para ingressar na Ordem dos Trapistas. Em período de provação, estive no Mosteiro de Cóbreces, tendo voltado para a Congregação, sempre por causa da saúde”.*

Passou um ano em Novelda, Alicante, depois de ter feito o noviciado, orientado pelo Padre Mestre e pela comunidade que o acompanhava. Aí, no nosso colégio, o único que resta dos que foram fundados em tempos do Padre Dehon,

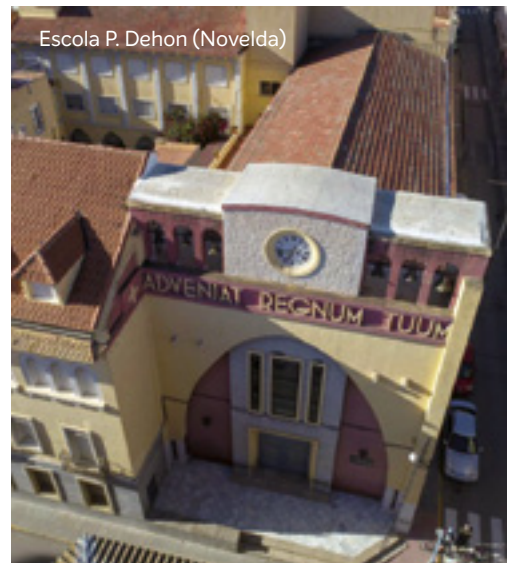


Igreja de Novelda, Alicante (antes de 1936)

foi professor de Religião e atendia às necessidades da igreja anexa para o ministério sacerdotal.

Era um homem de profunda vida interior, enamorado dos santos, em especial dos mártires. Em 1927, teve a oportunidade de visitar a cidade de Roma. Deu particular atenção às catacumbas de São Calixto e a outros lugares que conservam a memória dos mártires. Era difícil afastá-lo desses lugares, como testemunha um dos seus companheiros, que se lembrava muito bem daquele padre espanhol.

Ao voltar, teve a graça de passar por Lourdes, e a alegria de poder aproximar-se da Gruta. Maria era outra sua atração. Por Ela, era capaz de fazer longas caminhadas, e de passar por sendas difíceis, à procura de santuários e ermidas da Virgem, tão disseminados por todo o território espanhol. Eram as histórias que sempre contava aos seminaristas de Puente la Reina, sua nova comunidade, quando regressava das suas viagens à procura de ajudas e de vocações.



Escola P. Dehon (Novelda)



Crucifijo gótico de Puente la Reina

# À procura do pão com muito amor

“Os meus caminhos não são os vossos caminhos”. Esta é a encruzilhada do P. João, antes daquela em que terá de praticar a oblação e imolação em cujo espírito fizera a sua profissão, um ano antes. Em Puente la Reina, a sua nova comunidade, vai-se realizando a sua preparação lenta, íntima e profunda em que o Espírito modela a sua vida... e a sua morte, naquele agosto sangrento e fratricida de 1936.

O seu trabalho consistia em sair de casa, passar fora dela longos períodos, e renunciar à “segurança” de uma vida regular e fraterna na comunidade religiosa. O seminário de Puente la Reina vivia momentos de esperança, porque tinha muitos seminaristas, mas havia grande pobreza e falta de meios.



Seminário em Puente la Reina

As vocações eram promissoras, mas os recursos financeiros eram escassos. O P. Guilherme Zicke conhecia muito bem o P. João e achava que ele era a pessoa indicada para, como homem de Deus, humilde e zeloso, sair pelos caminhos de Navarra e do País Basco à procura de colaboração e de ajuda económica. Também tinha como objetivo criar uma rede de amigos do seminário a fim de poder servir melhor a Igreja e, no futuro, as missões como a dos Camarões, que o P. Guilherme teve de abandonar, ao ser expulso, por ser alemão, durante a Primeira Guerra Mundial.

Mais uma vez, o seu superior, o P. Guilherme, conta:

*“O que poderia parecer contraditório, aqui era realidade, porque o P. João era um homem de extrema obediência e espírito de abnegação, próprio da Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus, imolando-se, cada dia, no altar do puro amor a Nosso Senhor e às almas que lhe são mais queridas”.*

E para nos fazer ver a têmpera deste “fradinho”, como se dizia em Puente la Reina, continua:

*“Para que este tipo de vida tão cheio de problemas e de distrações não prejudicasse a sua vida religiosa e de união com Deus, procurava ter um projeto de vida, um regulamento pessoal; e, para que tudo fosse sujeito à santa obediência, e assim se tornasse meritório para o Céu, antes de sair de casa, apresentava-o ao Superior, para que o aprovasse e assinasse”.*

# Caminhos que levam a Deus

Muitos foram os religiosos que pediram esmola, ajuda, dinheiro, indo de porta em porta, de povoado em povoado, para alimentar e educar muitos rapazes dos seus seminários. Muitas vezes, aos olhos dos homens, pareciam pessoas incultas e estranhas. Mas eram pessoas que viviam para Deus e levavam Deus ao povo. Eram humildes Irmãos leigos, muitos dos quais foram beatificados e canonizados pela sua caridade e amor a Deus, que souberam partilhar com ricos e pobres, com sábios e ignorantes. Eram homens de Deus, conhecidos, estimados e esperados em certas épocas, quando passavam pelos povoados. Mendigos por amor a Deus, irmãos que partilhavam a palavra e a oração com todos.

Também o nosso P. João deixou esse rasto “do bom odor de Cristo” entre as pessoas que tiveram ocasião de o conhecer: sacerdotes, a quem ajudava no ministério sacerdotal. Era muito bom pregador e gostava de celebrar o ministério da reconciliação/penitência. Os religiosos, em cujas casas se hospedava sempre que possível, podiam admirar a sua humildade, o seu espírito de oração e de mortificação, tal como os leigos com quem partilhava a caridade e a ternura do Coração de Cristo. Em todos permaneceu a mesma impressão e lembrança: era um santo.

Durante as suas viagens preocupava-se e precavia-se de tudo o que considerava ofensa a Deus e aos bons

O Padre Juan María com dois alunos



costumes. Tal aconteceu várias vezes em pousadas e albergues. Pedia que deles fossem retirados quadros e imagens inconvenientes. Em último caso, comprava-os para os fazer desaparecer.

Um de seus colegas mais próximos conta:

*“Nestas viagens, em nada diminuía o seu fervor. Pelo contrário, aproveitava as oportunidades para fazer apostolado, promovendo a adoração ao Santíssimo Sacramento e a devoção ao Amor misericordioso”.*

Um outro acrescenta a sua preocupação com a animação vocacional:

*“Favorecia as vocações para o nosso Instituto de tal modo que*



*vários padres da Congregação Ihe devem a sua vocação”.*

Apesar de uma vida tão movimentada, de encontros com pessoas tão diferentes,

*“conservou sempre o primitivo fervor do noviciado. Fazia o impossível para participar nos retiros da comunidade e na primeira sexta-feira do mês, prestando conta aos superiores das suas andanças. Pode dizer-se que o Servo de Deus foi uma providência para a Congregação. Nos tempos livres do seu trabalho de procurar esmolas, recolhia-se diante do Senhor e fazia as suas práticas de piedade”.*

Este é o testemunho de quantos o conheceram, especialmente dos colegas e religiosas de diversos institutos.



# Por vales escuros me conduzes

No dia 14 de abril de 1931 foi proclamada a República em Espanha. As nuvens negras que se viam no horizonte tornaram-se tempestade, que desabou sobre as grandes cidades e sobre os centros industriais. Pretendia-se uma mudança moderada na sociedade e na política. As coisas, porém, descontrolaram-se e caíram num radicalismo desenfreado, da direita e da esquerda.

A Igreja espanhola tornou-se o inimigo número um a combater. Talvez o mais fácil, porque não podia oferecer resistência. Anarquistas, socialistas, comunistas, intelectuais e dirigentes anticlericais culpavam-na, com os empresários e o exército, de todos os males e de toda situação que os operários e os camponeses viviam, bem como pelo atraso da Espanha em relação ao resto da Europa, aberta, pluralista e desenvolvida.

Não era fácil mover-se naquela sociedade. As leis obrigavam os padres a permanecerem na sacristia. As dificuldades eram maiores na área por onde o P. João viajava: Navarra e o País Basco. Aí a radicalização era maior.

Não é de estranhar que, em ambiente cristão e religioso, tivessem surgido ideias como as de “cruzadas” ou “martírio”. Assim pensavam muitos sacerdotes e religiosos, incluindo o P. João, que manifestava essas ideias quando falava na comunidade e aos

alunos do seminário, comentando o que lhe cabia viver nesses dias.

Um de seus alunos conta um caso que ilustra a convicção do Beato e o seu entusiasmo pelo martírio:

*“Aconteceu que um filho da minha avó, religioso capuchinho, missionário na China, foi preso pelos comunistas. Inteirado da tristeza da minha avó, o Servo de Deus foi a casa dela para a animar e consolar, com palavras de felicitações: ‘O seu filho é um mártir. Oxalá tivesse eu a mesma sorte de ser perseguido e de morrer por Cristo’”.*

Os anos anteriores a 1936, início da guerra civil, são duros para um homem como o P. João, que continuava imperturbável o seu ministério sacerdotal e religioso, alternado com o serviço de educador no seminário e entre os seus companheiros.

O P. Zicke conta:

*“Sendo de caráter especulativo e dotado de dons espirituais, tinha dado provas de uma preparação doutrinal pouco comum. Nas reuniões da comunidade para resolver casos de moral e de dogma, deixava a todos admirados pelas citações completas dos Santos Padres, que fazia de cor. É certo que não tinha muito sentido prático para dar aulas aos rapazes, especialmente para manter a disciplina e o interesse deles. Entretanto, gostavam dele nos recreios e passeios, porque contava histórias interessantes, de modo muito vivo e próximo e lhes ensinava belos cânticos”.*

A sua passagem pelo seminário deixou nos alunos a memória indelével

de um homem de piedade e de fervor admiráveis. Era fácil encontrá-lo: se não estava no quarto, estava na capela. Na celebração da Missa, demorava-se e, para não cansar os acólitos, muitas vezes

dispensava-os, como São Felipe Néri, para ficar a sós com seu Senhor, num diálogo de adoração e de amor, próprio de quem vive profundamente o mistério do Amor encerrado na Eucaristia.

Óleo sobre tela. Os mártires de Valência 1936-1939.  
Catedral de Valência



# Uma malograda Betânia

Numa das suas viagens, no ano negro de 1936, foi visitar a sua mãe, um de seus irmãos e a cunhada. Esta recorda:

*“Logo que chegou, falando com sua mãe, comigo e com o meu marido, prognosticou a próxima revolução e o seu desejo de morrer mártir. Dizia ao meu marido: ‘Olha, Vítor, feliz de quem tiver a sorte de derramar o seu sangue por nosso Senhor!’”*

“As circunstâncias irão mostrar a mão de Deus a guiá-lo e a conduzi-lo, precisamente naquele ano crucial, do lugar tranquilo, que era Navarra, para a região de Cuenca, onde o perigo era maior”, como assinala a *Positio super martyrio*, a fonte mais documentada para esta pequena biografia, da qual colhemos muitos textos e testemunhos.

Cuenca tem um nome inesquecível nas suas serranias, o santuário de Garaballa. Foi abandonado pelos Padres Trinitários, e os Dehonianos receberam-no do bispo da diocese, para sede do futuro noviciado, e para lugar de descanso e repouso.

O P. João chega aí em princípios de julho, para recuperar a saúde debilitada e descansar dos trabalhos e andanças, desfrutando da tranquilidade e do sossego daquelas paragens quase esquecidas do “ruído mundano”, como diria Frei Luís de León.

*“O povo do lugar, embora bastante rude e inculto nas coisas de religião, de começo não se deu mal com os recém-chegados; mas, à medida que as coisas iam acontecendo durante aquele ano, começaram a mostrar-se cada vez mais indiferentes e frios, de tal modo que, após as eleições de maio (1936), passaram a hostilizar os padres, salvo raras exceções”*

Foi este o clima de “repouso e tranquilidade” que o P. João encontrou. Mesmo assim, neste breve período, não lhe faltaram momentos para manifestar o seu zelo e coragem pelas coisas de Deus, sem nada temer, ao reprovar as blasfêmias dos camponeses, ou ao abrir a igreja nos dias santos, tocar os sinos e celebrar a Missa, porque o pároco tinha fugido ou estava escondido. Soava-lhe fortemente o salmo que diz: *“O zelo da tua casa me consome!”*



# Subamos a Jerusalém

Igreja de Santos Juanes, Valência



As circunstâncias, mais uma vez, forçarão o P. João a rumar a Valência. A 18 de julho, aconteceu o levantamento nacional, que desencadeou a guerra civil e, com ela, “uma perseguição religiosa que levou muitos à morte”.

O superior de Garaballa, alertado por amigos e pela passagem de tropas do exército e de milicianos pela região, reuniu os seus religiosos no mesmo dia e aconselhou-os a partirem em diversas direções para sua própria segurança.

O P. João tomou o caminho para Valência. Deixou a batina e vestiu um jaquetão demasiado grande para ele. Mais tarde, no cárcere, hão de chamá-lo o “Padre Jaquetão”.

Porquê, Valência? Porque não era conhecido aí, e pensava que poderia passar despercebido durante a “caça aos padres”. Sim! Houve uma “caça aos padres” impiedosa e cruel.

Em agosto de 1936, foram assassinadas, em Espanha, 2077 pessoas, entre as quais 10 bispos. Um dos responsáveis por esta chacina, José Díaz, presidente da secção espanhola da Terceira Internacional, dizia precisamente em Valência:

*“Nas províncias que controlamos, já não há a Igreja. A Espanha ultrapassou largamente a obra dos soviéticos, porque, hoje, em Espanha, a Igreja está liquidada”.*

Em Valência, dos 1200 sacerdotes diocesanos, 327 seriam executados. Sem o poder prever, o P. João foi parar num dos lugares mais perigosos. Um dos seus companheiros afirma:

*“Vivi com ele em 1936 e conheço os seus sentimentos. O P. João estava preparado para acolher a vontade de Deus pela salvação da Pátria. Tinha uma fé cega no triunfo da causa de Deus, ainda que se tivesse de sofrer devido aos pecados sociais. Ele conseguia comunicar aos outros a sua fé e o seu entusiasmo, diante do perigo que teriam de aguentar”.*

Na sua fuga, o P. João procurou contactar com uma colaboradora do P. Lorenzo Cantó, que morava perto da igreja dos “Santos Juanes”. Esta igreja, situada perto de La Lonja, obra-prima do gótico civil, e do Mercado Central, obra modernista notável feita de ferro, vidro e cerâmica, era um dos monumentos mais característicos da cidade, desde os inícios da Reconquista. As suas paredes e naves apresentavam marcas da passagem dos séculos com a sua arte. A decoração era de estilo barroco, com afrescos pintados por Palomino, hoje praticamente desaparecidos devido ao incêndio.

*“O Servo de Deus cruzou-se com quem tinha de passar diante da igreja, enquanto, no seu interior, eram lançados às chamas montes de objetos sagradas. Como lembram testemunhas no processo, era conhecido por todos o zelo do Servo de Deus que, com o seu temperamento forte e impulsivo, não conseguia ficar de braços cruzados diante das ofensas a Deus e da profanação das igrejas”.*

# Entre cardos e espinhos

O P. João apresenta-se como um maltrapilho desconhecido. Nem camponês parecia. Era um dos muitos fugitivos que procuravam refúgio na cidade, em fins de julho de 1936. Aproxima-se por entre a multidão para ver o que se passava. E logo a sua voz se faz ouvir em protesto.

Um companheiro de cárcere, advogado, contará mais tarde: “O Servo de Deus foi levado para a cadeia em fins de julho ou nos primeiros dias de agosto de 1936. Foi encerrado numa cela do quarto corredor, se bem me lembro.”

*“Foi por isso que o conheci. Disseram-me que tinha chegado um padre, havia pouco, por ter protestado publicamente contra o incêndio da igreja dos ‘Santos Juanes.’*

*Fiquei curioso e quis informar-me pessoalmente com ele, porque me era difícil acreditar que alguém tenha tido tanta coragem, ou fosse tão ingênuo, para tomar uma atitude com tão dramáticas consequências.*

*Interroguei-o pessoalmente e ele contou-me que, ao ver o incêndio da igreja dos Santos Juanes, falando consigo mesmo, em voz alta, tinha gritado estas ou outras palavras semelhantes: ‘Que horror! Que crime! Que sacrilégio!’*

*Ao ouvir estas palavras, alguém dos que participavam no incêndio, ou estavam satisfeitos com ele, perguntou-lhe se ele era um ‘carca’, ou seja, um adepto da direita, um nacionalista, ao que o padre respondeu: ‘Sou sacerdote’. Foi essa a razão por que o prenderam”.*

Ele mesmo escreverá da prisão, no dia da festa de São Lourenço, ao Superior geral, P. Lourenço Philippe, SCJ, felicitando-o pelo seu onomástico e comunicando o motivo da sua prisão:

*“Aqui estou, reverendíssimo padre, detido há três semanas, por ter proferido algumas frases de protesto contra o horrível espetáculo das igrejas incendiadas. Deus seja bendito! Faça-se em tudo a sua divina vontade! Alegro-me muito por poder sofrer alguma coisa por Ele, que tanto sofreu por mim, pobre pecador”.*

Um dia antes, tinha escrito ao presidente da câmara de Garaballa:

*“Desde o dia em que cheguei a Valência, estou detido no “Cárcel Modelo” desta cidade, junto com muitos outros sacerdotes, religiosos e leigos. Dou graças a Deus, porque estou tranquilo e resignado ao que a Divina Providência quiser dispor a meu respeito. Ocupo a cela 476, no quarto corredor”.*



# Sem Domingo de Ramos

“Cela 476, quarto corredor”. Parece o título de um filme, um filme com poucas cores claras e muitos tons escuros, rodado a alta velocidade, no escaldante verão valenciano. Desenrolam-se acontecimentos em que o ódio da guerra e o embrutecimento fratricida enchem de pessoas as prisões, corredores e pátios. Todos os dias, ao entardecer, um aviso falso de ‘Liberdade’ ia deixando vazios os lugares daqueles que, todos sabiam, iam ocupar as muitas moradas da Eternidade.

O P. João, o “Padre Jaquetão”, não ia passar despercebido. As testemunhas diretas “dão-nos uma ideia bem precisa da fidelidade do Servo de Deus ao seu sacerdócio e às práticas da vida religiosa, que quis manter, mesmo durante o tempo doloroso da prisão.

Prova silenciosa, mas extraordinariamente significativa, herança preciosa, é a pequena agenda que foi encontrada no bolso das suas calças, quando foi exumado.

Atravessada por balas, e manchada com o sangue do P. João, conserva o horário que tinha escrito, como programa diário de vida: o “horário que ele seguia na prisão, onde figuram todos os exercícios prescritos pela nossa Regra de Vida”. Começava às cinco horas da manhã e ia até às nove horas da noite.

O P. João não se deixa condicionar pela amarga realidade da prisão, nem pela trágica perspectiva da morte, cada vez

mais próxima, diante da normalidade de um ritual macabro, que se repetia todos os fins de tarde, quando certo número de prisioneiros era retirado das celas, para não mais voltar.

O Servo de Deus teve a ideia de desenhar uma Via-Sacra nas paredes da sua cela, correndo o sério risco de ir para a cela de castigo. Este facto, por um lado, mostra-nos a sua fidelidade aos pequenos pormenores e costumes da sua congregação e, por outro, revela-nos uma meditação partilhada, cruz às costas, em oblação reparadora ao Pai, nas largas horas de solidão e de incerteza, em união com Cristo crucificado, para dar a Vida e vencer a Morte.

Sabemos que ele não procurou esconder a sua condição de padre. Tinha clara consciência de que não estava preso pelas suas ideias políticas, mas apenas por ser padre e que, se viesse a ser fuzilado, seria essa a única razão. Assim, durante o pouco tempo que esteve preso, ia manifestando, com simplicidade, de modo claro e corajoso, a todos os companheiros de cárcere, a sua condição de Religioso e Sacerdote. Eram essas as causas do seu julgamento.

Podemos imaginá-lo no pátio da prisão, guiando, em alta voz, a recitação do terço.

*“Estando a ser vigiados por sentinelas armadas, que nos insultavam e ameaçavam, parecia conveniente suspender a oração,*

*para não os provocar. Um padre, - que não podia ser outro senão ele -, disse que não há melhor situação para morrer do que estar em oração; e continuámos a rezar". "Lembro-me de o ter visto todos os dias no pátio da prisão com seu livro de orações, durante uma hora ou uma hora e meia. Rezava tanto que alguém dizia: Um dia, matarão o padre Jaquetão, como quem mata um passarinho!"*

Poderia pensar-se que exibia uma atitude desafiante, insolente. Mas, como diz outro companheiro sacerdote, também preso:

*"Não tenho notícia de que tenha movido um dedo para conseguir a liberdade e estou convencido de que ele nada faria que fosse incompatível com sua condição de padre. Durante a sua permanência na cadeia nada fez de insolente ou*

*de provocador que justificasse a sua morte".*

Outra testemunha declara:

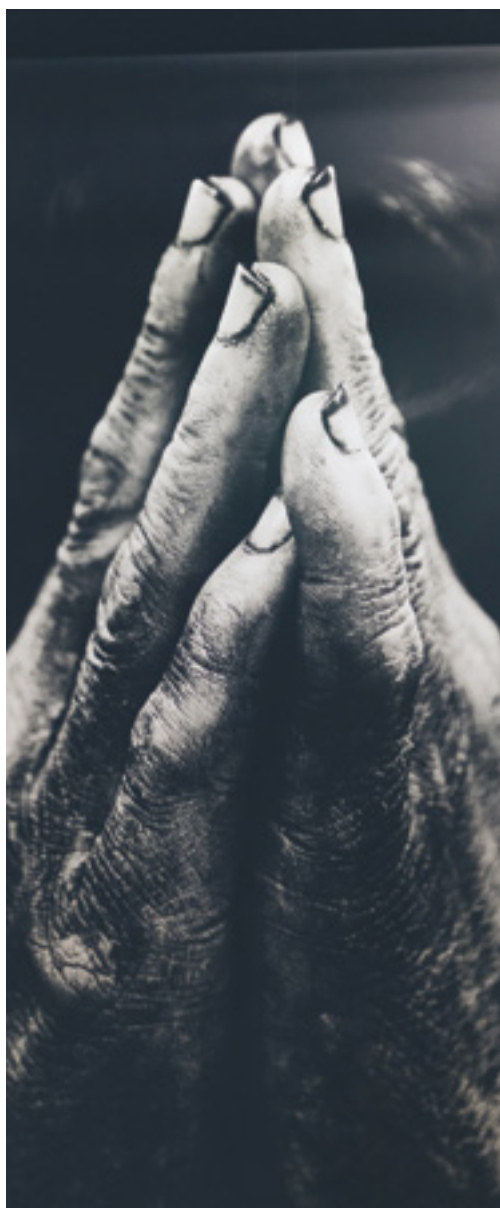
*"Exercia o seu ministério em favor de quem o pedisse, animava os companheiros, com a moderação que lhe era peculiar. De modo nenhum se pode dizer que tenha feito um só gesto de provocação. Bem pelo contrário!"*

Até o canalizador da cadeia estava preso. Foi ele quem impediu que o P. João fosse parar na cela de isolamento. Eis o seu depoimento:

*"O P. João comportava-se sempre como um sacerdote digníssimo. Quando estava no pátio e sentia bater as horas, rezava com quem estivesse por perto. Vi-o fazer isso várias vezes. Outras vezes ia rezar na sua cela. Nunca o vi ser indelicado com alguém".*



# Testemunhas no calor na noite



Há uma carta do redentorista Tomás Vega, também companheiro de prisão, que o P. Guilherme Zicke acrescentou à sua biografia do padre João. Na carta, o religioso lembra aqueles dias no cárcere e descreve a figura do P. João como um “glorioso mártir de Jesus Cristo”.

*“Tive a sorte de o conhecer, pouco depois de entrar no cárcere, a 22 de julho de 1936. A todos edificava com a sua piedade e devoção. Rezávamos juntos o breviário durante o primeiro mês de prisão, durante as três horas de recreio, que tínhamos de manhã, e durante as outras três, que tínhamos pela tarde. Rezávamos no pátio, onde faziam recreio os do 4º corredor, o P. João, o P. Ricardo de los Rios Fabregat, salesiano também martirizado e beatificado com P. João -, e um servente. Pudemos observar o grande fervor com que rezava. Era frequente vê-lo ajoelhar-se no meio do pátio, apesar de não faltar quem o advertisse do perigo desses sinais externos de devoção, naquelas circunstâncias. Mas ele respondia que não se devia ter respeito humano e que, naquela situação, mais do que nunca, era preciso testemunhar Jesus Cristo, e que tinha de imitar os mártires dos primeiros séculos, que se preparavam para o martírio rezando de joelhos.”*

*Pelas onze horas da manhã, um bom grupo de presos reuníamo-nos para rezar o terço. O P. João tinha um grupo escolhido e rezava em coro as Ladainhas dos Santos; nos dias festivos, lia em público os textos da Santa Missa, porque ainda não tínhamos a sorte de a celebrar na prisão; o Padre Juanito, como o chamávamos, nunca faltava. De tarde, cada sacerdote costumava reunir com um grupo de presos para rezar o terço e outras orações e para um tempo de leitura espiritual. O P. João costumava ir de grupo em grupo, quando terminavam as orações em comum, para animar a todos na virtude e no amor a Deus. Era verdadeiramente zeloso.*

*Um dia, ao descer ao pátio, disse-me que tivera uma grande alegria: naquela manhã tinha recebido Jesus Sacramentado. Um professor do seminário, que tinha entrado na cadeia, num daqueles dias, trouxera*

*o Santíssimo sacramento. O P. João não sossegou enquanto não recebeu a comunhão. Mais ainda: o mencionado professor tinha-lhe deixado o Santíssimo Sacramento. Foi para ele um dia de grande alegria.*

*Depois de um mês na cadeia, fomos fechados nas celas, donde apenas saíamos para o pátio, uma hora de manhã e outra de tarde, por secções. Como eu estava alojado num andar diferente do dele, já não podia acompanhá-lo. Mas deixou-nos a todos uma profunda impressão de santidade e de virtude.*

*Poucos dias depois, soubemos que o P. João tinha saído da prisão. Mas não sabíamos que tinha saído para o martírio. Foi um dos primeiros, do “Cárcel Modelo” de Valência, a dar a sua vida por Deus e pela Espanha. Feliz dele, que alcançou a palma do martírio! Feliz a Congregação que se sente glorificada por tão excelso mártir!”*



# Estava contente de sofrer por Jesus

Ao fundar a Congregação, o P. Dehon deu-lhe o nome de Oblatos do Coração de Jesus. O P. João Maria da Cruz celebrará a sua vocação de oblato ao dar a sua vida naquela noite de 23 de agosto de 1936. A sua vida, como dehoniano, foi muito semelhante à via-sacra percorrida por Jesus, havia dois mil anos.

Estamos, pois, na noite de 23 de agosto de 1936. Deus ia aceitar a oblação total do P. João, nos campos de Silla, numa propriedade chamada “El Sario”, num lugar conhecido por La Coma. Parecia o Jardim do Getsémani, cheio de oliveiras, que Jesus conheceu. Foram testemunhas as estrelas de uma noite de verão, os outros nove companheiros assassinados, e os faróis das camionetes que iluminavam e aqueciam o muro junto ao qual, num ritual repetido centenas de vezes, foram colocadas as vítimas, em fila, para serem fuziladas, depois de maltratadas. Assim o comprovam os testemunhos médicos sobre os restos mortais do P. João reconhecidos, exumados e trasladados para Puente la Reina, em 1940, para ficarem perto dos seminaristas a quem o mártir dedicara grande parte da sua vida, do seu serviço e do seu ministério sacerdotal.

Deixemos ao P. Lourenço Cantó, superior de Garaballa, que também

foi prisioneiro em Valência, a contar o que aconteceu. Este padre já tinha sido preso no México, durante a perseguição de Calles e conseguiu voltar para Espanha, onde também foi preso, alcançando pouco depois a liberdade. Exerceu clandestinamente o ministério sacerdotal. Afirma ele:

*“Apresentei-me ao Juiz municipal, perguntando se, no dia 23 de agosto de 1936, tinham sido executados 10 presos, nos arredores de Silla. A resposta foi afirmativa, acrescentando que tinha sido requisitado para recolher dez cadáveres, que apareceram abandonados à beira da estrada para Madrid, ainda no território de Silla. Os cadáveres acabaram por ser levados para o cemitério pelos próprios assassinos. Disse ainda que pensara fotografar os cadáveres, mas não o fizera por medo. Passei, então, a descrever-lhe o P. João e como andava pobremente vestido. O Juiz confirmou que um homem com aquelas características, e aqueles trajes, estava entre os executados naquela data. Acrescentou que, enquanto o coveiro sepultava o P. João, os verdugos eram unânimes a afirmar que aquele era o cadáver*



*dum padre e que ele lhes replicara que, para eles, todos eram padres”.*

Uma outra testemunha, o P. Inácio Belda conta:

*“Devo dizer que sou uma das poucas testemunhas da exumação do corpo do P. João e que, como*



*prova da sua força e valor, sobre os seus despojos, se encontraram a cruz da profissão, o escapulário da Congregação, perfurado por dois tiros, e uma agenda atravessada por vários tiros, na qual está escrito o horário que seguia na prisão, e todos os atos prescritos pela nossa Regra”.*

# Um santo para os nossos dias?



Todos os tempos e lugares têm os seus santos. Há sempre figuras de vida e de santidade particularmente eloquentes, quando queremos ouvir a brisa suave que passa por nós, apesar dos ruídos da pós-modernidade em que vivemos.

Por vezes, são vozes que gritam no deserto, naqueles que vivem audaciosamente a fé no meio dos conflitos do nosso tempo. Chegam a ser temerários, pagando com a própria vida o testemunho de uma verdade que não deixa em paz os crentes de hoje, como não deixou em paz os crentes de ontem.

Há um texto de Elie Wiesel, vítima dos campos de concentração nazis pelo simples facto de ser judia, que fala do profeta. Podemos aplicá-los a muitos milhares de testemunhas, de

todas as latitudes e confissões cristãs, àqueles de quem João Paulo II pediu encarecidamente que não se perca a memória:

*“O profeta é espelho do seu tempo e vive fora dele. Está sempre desperto, sempre vigilante. Nunca é indiferente, sobretudo diante da injustiça, esteja onde estiver. Mensageiro de Deus junto dos homens, às vezes torna-se mensageiro dos homens diante de Deus. Homem inquieto e inquietante está sempre a espera de um sinal, de um chamamento. Frequentemente, quando perseguido, encontra-se só, mesmo quando se dirige às multidões, quando fala com Deus ou consigo mesmo, quando descreve*

*o futuro ou evoca o passado. Pensamos nos mártires do nazismo e do fascismo, nos mártires das ditaduras latino-americanas, nos mártires dos países submetidos ao comunismo estalinista. São os que têm a audácia de tentar caminhos por andar, que avançam sem qualquer orgulho, conscientes da sua fragilidade e dos riscos que enfrentam, fortes na sua fé e na verdade que os torna livres”.*

O P. João foi avançando pelas sendas da sua experiência espiritual, religiosa e sacerdotal, aparentemente serena até ao momento do seu martírio, como tantos outros sacerdotes e religiosos de seu tempo. Mas também tinham consciência do que se estava a gerar para a Igreja, para eles, e para a Espanha.

Ao longo destas páginas destacámos o seu estilo e modo de viver que fizeram surgir à volta da sua figura reconhecidamente humilde, a auréola, a fama de “santo”.

O seu objetivo era servir a Deus, conforme os seus desígnios se iam revelando ao longo da vida, até a decisão definitiva de O servir na vida religiosa, numa Congregação que, por projeto e carisma, correspondia ao seu vivo e ardente desejo de viver “em amor, imolação e reparação”.

O P. Zicke descreve muito bem a vida espiritual do P. João:

*“Posso afirmar, por conhecimento pessoal, que a sua piedade brilhava pelo extraordinário amor à Eucaristia e à Virgem Santíssima. O tema favorito das suas pregações e preleções era o amor misericordioso do Coração de Jesus. Visitava os santuários da Virgem, mesmo à custa de grandes sacrifícios. Rezava o breviário com extremo cuidado... Na celebração da Missa empregava mais tempo do que é o normal, especialmente no momento da Consagração. Em muitas ocasiões mostrou o seu zelo pela glória de Deus”.*



# Reconheceram-no ao partir do pão

Há duas características que distinguem a fé e o amor do nosso mártir: a devoção à Eucaristia e à Santíssima Virgem. Por outro lado, a sua vocação à vida religiosa entre os Padres Dehonianos permite-lhe encontrar o ambiente apropriado para viver o seu amor à adoração eucarística e à reparação. Sabemos que, nas suas viagens de pedinte,

*“se havia qualquer celebração ou cerimónia religiosa, e faltava pregador, especialmente se fosse uma festa da Virgem, a pedido da comunidade onde costumava hospedar-se, dispunha-se a pregar. Mesmo sem se ter preparado, comovia os ouvintes e granjeava a admiração de todos. Quando alguém comentava a sua facilidade em falar do púlpito, respondia que, quando se ama muito a Virgem Maria, não é precisa grande preparação. Ainda o recordam em Roma pelo seu amor a Maria santíssima, pois ali pregou mesmo sem saber italiano”.*

Um padre sacramentino, que o conheceu quando, durante as suas viagens, se hospedou na sua comunidade, depois de recordar muitos exemplos edificantes dele, disse:

*“Agora, depois da notícia do seu martírio, dou-me conta de que o P. João era um sacerdote do qual se poderia dizer – conforme a palavra de S. Paulo – que “não era ele que vivia, mas Cristo que vivia nele”.*

Uma recordação que é uma fotografia. O seu Superior e companheiro ofereceu-nos outro testemunho das últimas horas, naquele mês de julho de 1936, na serenidade da solidão do santuário de Garaballa, com nuvens de tempestade em formação:

*“Era admirável o entusiasmo com que falava do martírio, prevendo com clareza quanto estava para acontecer, animando-nos a todos, de tal modo que já não falava de mais nada senão do martírio”.*

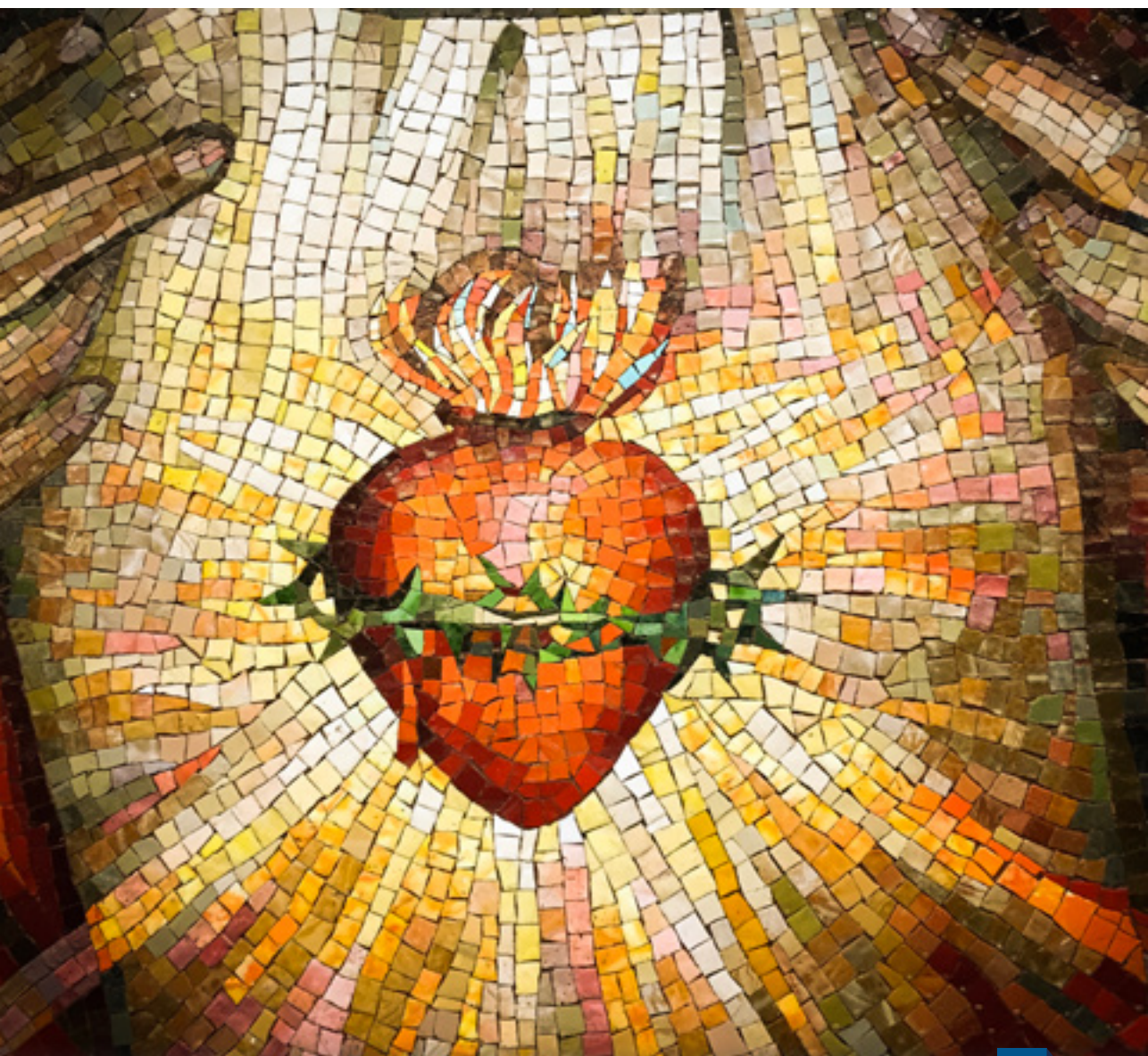
Era Cristo que vivia nele e o preparava para dar testemunho da verdade, saindo de cruz às costas, a caminho de um muro, nos arredores de Silla, para ser crucificado fora da cidade, como o divino Mestre. Não seria à luz do dia, mas à luz de uns faróis que, entre oliveiras, projetaria a sua sombra no mesmo muro.”

Conservar a memória destas testemunhas da fé, numa sociedade rendida a um materialismo desmotivador e a um agnosticismo crescente, é oferecer pistas para o caminho de que nos falamos, garantindo que é possível viver os valores do Evangelho e cooperar na construção do Reino de Deus, “o Reino do Coração de Jesus nas almas e nas sociedades”, como dizia o P. Dehon, fundador dos Sacerdotes do Coração de Jesus, Dehonianos.

As grandes e desumanas perseguições religiosas e políticas do século XX – há que não ter vergonha em chamar as coisas pelo seu nome próprio – deixaram triste memória por toda a terra por causa de tantos irmãos, cristãos ou não-cristãos, humilhados, esmagados e assassinados. Cabe-nos gritar: nunca mais! Cabe-nos torná-los presentes, imitar a sua fé, partilhar a sua fortaleza, viver o seu amor, crer e esperar, porque

o Senhor está connosco até ao fim dos tempos.

Os Santos são presença viva do mistério de Cristo na Igreja, exemplo e testemunhas de uma fé viva e comprometida. Para além disso, lembram-nos que, sendo amigos do Senhor, continuam a interceder por nós junto dele. São assim os Santos. É assim o Beato João Maria da Cruz.



# Epílogo

O Papa S. João Paulo II proclamou Beato o P. João Maria da Cruz a 11 de março de 2001. Na mesma celebração, na Praça de S. Pedro, no Vaticano, foram reconhecidos outros 232 mártires. Na sua maioria deram a vida em Valência, durante a trágica guerra civil espanhola. Entre os numerosos peregrinos presentes em Roma, estavam alguns familiares do P. João Maria, com algumas outras pessoas que o conheceram em vida. Todos partilharam perante a Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus, Dehonianos, a emoção pela primeira beatificação de um dos seus filhos.

O processo de beatificação e canonização enfrentou diversas fases, até se chegar àquele momento de alegria. Iniciado em 1959, em Valência, passou pelas etapas diocesana e romana, pelo estudo dos escritos do Servo de Deus, em 1963, e pelo reconhecimento oficial do seu martírio, em 1999, que abriu decisivamente as portas para a desejada beatificação.

Com esta declaração oficial de santidade, os Dehonianos puderam começar a celebrar a memória litúrgica do P. João Maria da Cruz a 22 de setembro. É a data em que, com os outros beatificados, é celebrado na arquidiocese de Valência. A sua diocese de origem, Ávila, celebra essa memória no aniversário do seu martírio, 23 de agosto.

Devemos reconhecer o considerável esforço do P. Antônio Aguilera, que iniciou o trabalho da Causa e pôde contemplar os seus frutos. Por outro lado, devemos fazer notar que o nosso Beato é Protetor da Vocações Dehonianas. Assim o invocamos na Congregação, que reconhece o seu incansável serviço em favor dos seminaristas em Puente la Reina, durante

nove anos, tal como a sua capacidade de intercessão junto de Deus.

Em Puente la Reina, onde está sepultado, a beatificação exigiu a transladação dos seus restos mortais para um lugar mais digno, a igreja do Crucifixo. Assim, a memória do anjo tutelar do seminário permanece e é claramente reforçada para todos os que ali acorrem.

A inspiração que o testemunho dos santos, canonizados ou apenas beatificados, mártires ou não, supõem para a vida dos cristãos merecem a difusão das suas biografias. Como nos recordou o Papa Francisco na exortação apostólica *Gaudete et exultate*, estamos “*circundados por uma nuvem de testemunhas*” (Heb, 12, 1) que incitam a não nos determos no caminho, que nos estimulam a continuar a correr para a meta (n. 3). Para nós, dehonianos, as testemunhas que nos alentam são os servos de Deus **P. Leão Dehon**, fundador da Congregação, o **P. André Prévot**, um dos primeiros mestres de noviços, o **P. Martinho Capelli**, mártir, **D. Alberto Wittebols**, bispo e mártir e o **P. Bernardo Longo**, missionário e mártir, a par de tantos outros que também deram a vida de forma violenta durante a Segunda Guerra Mundial ou nas guerras nos Camarões e no Congo. O estudo e o conhecimento das suas biografias aproximam-nos das suas experiências e animam-nos a dar um testemunho atual. Cada dia, Deus chama-nos a ser santos com a ajuda da sua graça. A participação na vida da Igreja torna possível transmitirmos a fé, pelo único modo possível: coração a coração. Nesta biografia palpita o amor haurido em Deus que, por sua vez, o nosso Beato deu a beber a todos, por palavras e por obras de amor.

P. Alfonso González Sánchez, scj  
Vice-postulador ESP (2016-2021)

# Oração pela canonização do Beato João Maria da Cruz, mártir

Senhor nosso Deus, Pai rico em misericórdia,  
concedei-nos por intercessão do vosso servo,  
o Beato João Maria da Cruz, mártir dehoniano,  
a graça de imitarmos a sua vida generosa  
e a sua entrega até ao fim,  
ao serviço das vocações,  
dos humildes e dos pobres,  
e de darmos testemunho permanente do vosso amor.  
Confiamos ao vosso Coração misericordioso  
o nosso desejo de o vermos glorificado na Igreja  
e esperamos que, por sua intercessão,  
possamos alcançar a graça que Vos pedimos ...  
Vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos.  
Ámen.





**dehonianos**   
Sacerdotes del Sagrado Corazón de Jesús  
Provincia España

[scj.es](http://scj.es)